

O HINO NACIONAL entoar: "Se o pe-nhor dessa igualdade conseguimos conquistar com braço forte". Igualdade esta relacionada à afirmação da nação pós-Independência, e não às desigualdades internas. A estrofe continua: "Em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte". E por aí vai.

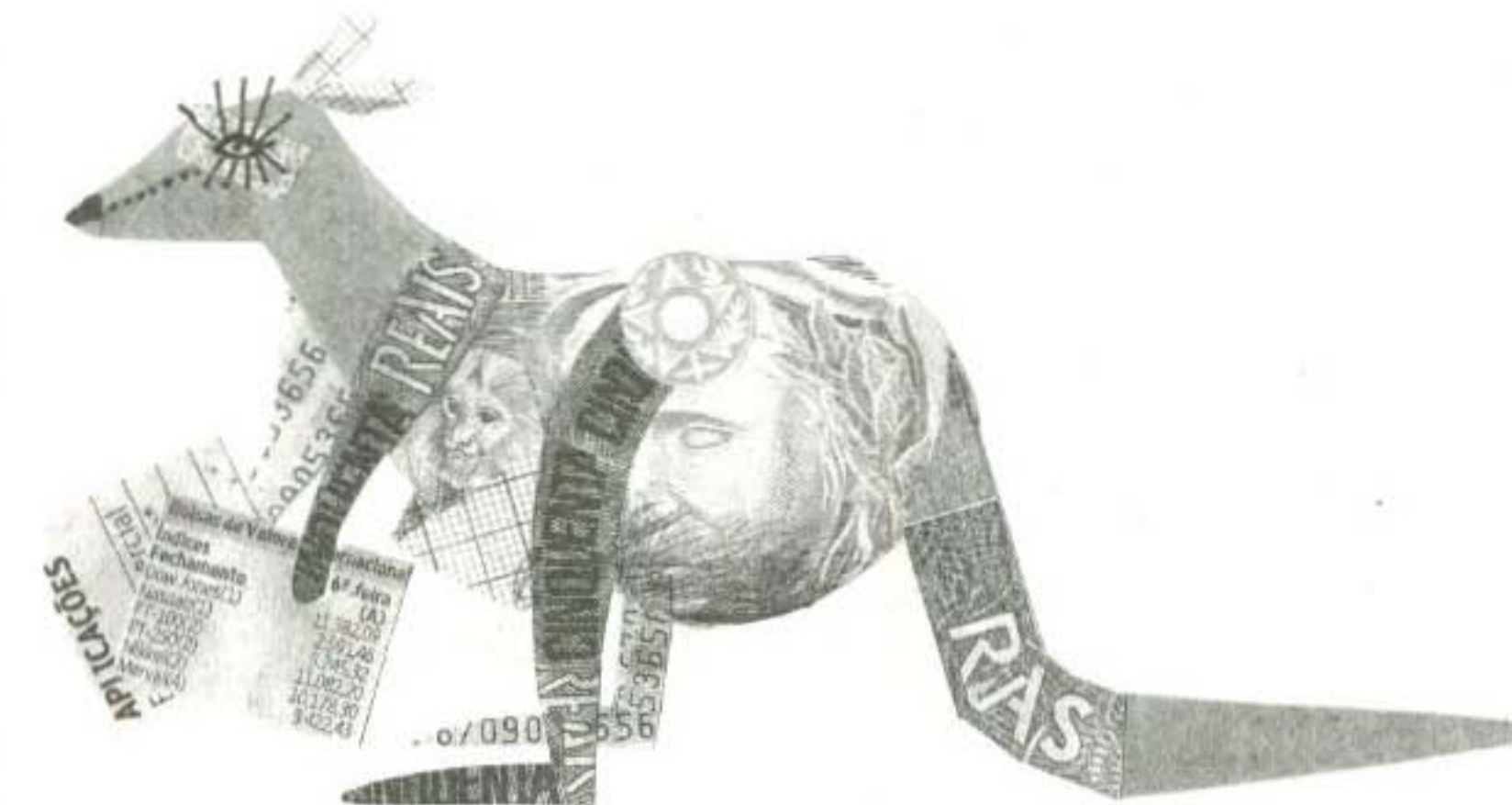
Não existe brasileiro que não se arrepie até a espinha ao ouvir nosso hino; esse arrepio talvez seja o derradeiro teste de brasilidade.

A bandeira brasileira é a única que retrata de maneira literal o céu do país, o que reflete o hábito de olharmos muito para cima. A alta desigualdade brasileira é, por sua vez, sinal de que olhamos pouco as pessoas ao nosso lado. Ela reflete —por preferência revelada— nossa incapacidade de enxergar as distâncias estelares entre brasileiros.

O estudo da desigualdade mede a distância transversal entre pessoas. Projetando para cima e para o alto, é similar à medição da distância entre as estrelas.

O estudo da desigualdade é como o dos corpos celestes, a Pnad é o anteparo recebendo e difundindo a luz vinda do solo brasileiro um ano depois. Ela permite aos observadores de gente mirar em atmosfera razoavelmente limpa e captar os movimentos dentro da nossa sociedade no ano que passou.

Nenhum país do mundo pode reduzir a pobreza através de redistribuição como o Brasil. A nossa desigualdade, isto é, o resumo das distâncias entre brasileiros, continua alta, mas não mais como que dita-



da em berço esplêndido, segue queda invicta há dez anos, reduzindo em 44,4% a miséria.

A maior oportunidade de transformar a realidade brasileira está no altruísmo feminino. A decomposição da taxa de fecundidade —leia-se número de filhos por mulher— em número de filhos por mãe e taxa de maternidade mostra isso.

Quanto mais as mulheres adultas de uma dada localidade são mães, maiores são a frequência e o aproveitamento escolares e menor é a mortalidade infantil. As cidades líderes no IDH, como Santos, Niterói e

Ruth, Rosani e Zilda estão rodeadas das estrelas de nossa bandeira, mirando desde cima sua obra

São Caetano do Sul, lideram também a taxa de maternidade.

Muitos filhos por mãe fazem mal aos indicadores sociais, mas muitas mães entre mulheres adultas não. Mães são o coração da célula básica do capital social, a família.

A estrutura de incentivos e de protagonismo materno em programas sociais de última geração, como o

Bolsa Família, explora isso. Em mais de 90% dos casos, as mães são receptoras e difusoras dos recursos do Bolsa Família. O maior obstáculo à revolução social está na baixa educação dessas protagonistas. A boa notícia é que a educação delas passou a deles.

Cuidar da primeira infância, instinto das mães, é a prioridade do país pois:

1) a taxa de miséria é maior nas crianças: 27,5% nas de 0 a 9 anos de idade ante 4,06% daqueles com mais de 60 anos. As crianças têm perdido terreno: a miséria era 79%

maior para elas em 1992 e 420% para os idosos. O mesmo vale para uma miríade de indicadores.

2) quem recebe investimentos sociais mais cedo na vida tem mais tempo para colher seus frutos, alongando horizontes. É preciso sair da armadilha curativa e saltar à ação preventiva.

3) os retornos em termos de ganho de capacidades cognitivas e não cognitivas das crianças determinam as capacidades de aprendizado, de trabalho e de bem-estar futuro delas quando adultas. Infância é janela de oportunidade maior do que em qualquer outra fase da vida. O investimento com maior retorno social é nas crianças.

O derradeiro avanço social exige tipo especial de altruísmo, aprendido durante a gravidez e as dores do parto. O amor maternal é capaz de dirimir diferenças geracionais e alavancar oportunidades.

Ruth Cardoso, Rosani Cunha e Zilda Arns, mortas há pouco, perceberam isso há muito tempo. Elas são mães de vastas plataformas de transformação social baseadas nesse amor. Hoje, Ruth, Rosani e Zilda estão rodeadas das estrelas retratadas em nossa bandeira, contemplando desde cima sua obra conjunta —a menor distância entre os filhos deste solo.

MARCELO NERI, 47, é economista-chefe do Centro de Políticas Sociais e professor da EPGE, na FGV. Internet: www.fgv.br/cps

mcneri@fgv.br

AMANHÃ EM MERCADO:
Gustavo Cerbasi